

Uma bela jornada: 56 anos do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro¹

A beautiful journey: 56 years of the Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro

*Maria da Graça Pereira das Neves**

*Suely Duék***

*João Batista Lembi Ferreira****

*Bernardo Arbex*****

Resumo

Elaborado em homenagem aos 56 anos do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ), o presente artigo tem como objetivo apresentar a história da origem da Instituição, seus fundamentos e princípios. Ao retomarem o legado de Anna Katrin Kemper, figura importante para a consolidação da psicanálise no Brasil, os autores destacam os traços que permitiram a concepção do CPRJ como uma instituição plural, não apenas social e politicamente engajada, mas também aberta à diversidade. Marcas estas que balizam a trajetória do CPRJ desde seus primórdios ao seu presente e que apontam um Norte possível para o seu futuro.

Palavras-chave: Anna Katrin Kemper. Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. Clínica Social. Legado. Política. Pluralidade.

Abstract

Written in honor of the 56th anniversary of the Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ), this article aims to present the history of the institution's origin, its foundations and principles. By revi-

1. Este tríptico apresenta, em forma textual, a fala adaptada de três psicanalistas do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, Suely Duék, João Batista Lembi Ferreira e Bernardo Arbex, por ocasião das comemorações dos 56 anos da Instituição, em evento organizado pela Comissão Administrativa, em 29 de março de 2025. A mesa de palestras foi coordenada pela psicanalista Maria da Graça Pereira das Neves, atual Coordenadora Geral do CPRJ (2022-2025). Sua fala na abertura do evento também foi adaptada como introdução para este artigo.

* Psicanalista. Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

** Psicanalista. Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

*** Psicanalista. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

**** Psicanalista. Membro Associado do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

siting the legacy of Anna Kattrin Kemper, an important figure in the consolidation of psychoanalysis in Brazil, the authors highlight the features that allowed the CPRJ to be conceived as a plural institution, not only sociopolitically engaged, but also opened to diversity. These marks have determined the trajectory of the CPRJ from its beginnings to its present, pointing to a possible direction for its future.

Keywords: *Anna Kattrin Kemper. Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. Social Clinic. Legacy. Policy. Plurality.*

Humano, sobretudo humano

Maria da Graça Pereira das Neves

Bom dia a todos que estão aqui presencialmente e aos que estão online.

Hoje é um dia de festa, de alegria, um dia de comemoração. São os 56 anos da nossa casa. O Círculo foi fundado em 27 de março de 1969.

Hoje, me dei conta que estou aqui há trinta anos. Passou muito rápido! Se passou tão rápido, é porque foi e continua sendo bom, porque é amoroso, porque tem uma transmissão forte, e porque nós queremos estar juntos.

O Círculo tem essa marca de ser uma casa não somente de transmissão da psicanálise, mas traz também a marca de resistência e de um posicionamento político.

Os nossos convidados de hoje são: Suely Duék, João Lembi Ferreira, ambos da primeira turma de formação do Círculo, e Bernardo Arbex, nossa continuidade.

E, com muita alegria, vamos ouvir o depoimento de cada um.

Antes de escutá-los eu gostaria de dizer o que eu desejo para o Círculo, especialmente que nós possamos continuar com a nossa humanidade, sobretudo, a nossa humanidade.

Agora, vamos dar início a nossa comemoração. Ouviremos primeiro nossa colega Suely Duék, depois nosso colega João Lembi Ferreira e, por fim, nossa continuidade, nosso colega Bernardo Arbex.

Uma das pioneiras da psicanálise no Brasil

Suely Duék

Muito bom dia a todos. Confesso que eu estou nervosa, como se fosse a primeira vez que estou nesta mesa, mas confesso que eu estava com saudades, com certeza. Então eu vou ler para poder ser mais concisa, senão vou acabar fazendo uma catarse aqui e vocês não iriam me aguentar, então vamos lá. Minha fala vai ser dividida em duas partes: a primeira será uma série de agradecimentos – vocês podem imaginar – e a segunda será uma homenagem.

Em primeiro lugar quero agradecer à Comissão Administrativa, em especial à Graça Neves, pelo convite que muito me emocionou, principalmente quando vi os 56 anos estampados na delicada divulgação, muito linda.

Aproveito para agradecer a todos que trabalharam comigo nas três gestões da diretoria e com quem eu trabalhei nas diversas gestões, agradeço aos fun-

cionários da secretaria e biblioteca, às minhas companheiras na Flappsip. Agradecimentos especiais, em momentos especiais, aos amigos: João Batista, que não me permitiu ter intervalo de trabalho na Clínica Social, e a José Carlos Guedes, que me aguardou até a sua segunda gestão, no momento das obras e da mudança para esta casa, um trabalho conjunto com Edda Bihl e Irene Trígona. Agradeço a Hélio Bezerra, porque juntos fizemos a primeira *home page* do Círculo, naquela época se chamava *home page*, e a Paula Goes, que muito me ensinou, e também às minhas queridas companheiras de gestões, Fátima Junqueira e Nancy Assemany. Finalmente aos meus mestres, especialmente a Carmen Da Poian.

Como eu já tive oportunidade de dizer, sinto-me parte dos móveis e utensílios, mas também do coração do Círculo. Entendo que, para trabalhar tantos anos em uma instituição, seja preciso trabalhar com alegria. É essa a receita que eu deixo: trabalhar com alegria.

Mas desejo usar o meu tempo para dedicar a uma pessoa solar, como bem diz o meu amigo João Batista: a D. Catarina Kemper que iluminou o caminho de muitos de nós, mas também o caminho do Círculo.

Recentemente, após receber o convite de estar aqui, encontrei na internet um texto apresentado na Jornada da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro de 2021, cujo título é *As pioneiras da psicanálise no Brasil*, onde o colega Ronaldo Victor, que é psiquiatra e didata da Rio de Janeiro, nos traz descrições e informações importantes, para mim algumas inéditas, sobre Kattrin Kemper. Então eu vou ler o meu resumo e vocês vão compreender porque eu decidi fazer essa homenagem hoje.

Esse trabalho, diz o autor, tem a face de fazer justiça histórica a uma mulher, Anna Kattrin Kemper, que participou da fundação da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. Sociedade que influenciou, por sua vez, outras sociedades pelo Brasil.

Anna Kattrin Kemper ou, na forma abrigada, Catarina Kemper, nasceu em 1905, em Ruhr (Alemanha), e morreu em 1978 aos 72 anos no Rio de Janeiro. Chegou em dezembro de 1948, aos 43 anos de idade, juntamente com sua família no Rio de Janeiro. Acompanhava seu marido, Werner Kemper, que tinha incumbência da IPA de fundar uma Sociedade Psicanalítica no Brasil, no Rio de Janeiro. Ela chegou também acompanhada por seus três filhos: Jochen, Christian e Mathias. Jochen tinha 10 anos, e ele foi da mesma turma que eu e João Batista. Nós fizemos juntos, no Círculo, nossa formação psicanalítica. Christian quando chegou tinha 8 anos e Mathias tinha 5 anos de idade. Anna Kattrin Kemper foi uma das fundadoras da Sociedade Psica-

nalítica do Rio de Janeiro, em 1955, tendo se tornado demissionária em 1968 e excluída em 1971.

Excluída? Por que? Porque não comprovou sua qualificação profissional, nem de psicóloga nem de psicanalista, somente de grafóloga. Embora a prática da psicanálise por leigos, sob delegação médica no Brasil, fosse oficialmente reconhecida em 1956, houve inúmeras controvérsias a respeito de sua titulação de “psicóloga profissional”, dado por um registro de Berlim de 1945. Apesar de ter matrícula da Universidade de Berlim de 1946, final da guerra, o comprovante era o de segundo grau do ensino. Isso provocou dúvidas no grupo da Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro. A Universidade de Berlim situava-se na “zona de ocupação soviética”, o que despertava ainda mais dúvidas sobre sua autenticidade.

Nesta síntese histórica, destaco algo que me parece importante para o objetivo dessa apresentação: como diz o autor, Dona Catarina Kemper possuía “versatilidade espiritual literária e interesses artísticos”, conforme suas referências em uma ficha de admissão para o Instituto de Psicoterapia de Berlim, de 1948. E trabalhou como grafóloga na Policlínica de Pesquisa Psicológica e de Psicoterapia, a partir de 1941.

Vejam bem o arcabouço dos estudos dela que, nesse âmbito, tinha como função a avaliação de pacientes para tratamento psicoterápico e candidatos à formação de psicoterapeutas no setor de formação do Instituto. Além de constatar, em seu “questionário de desnazificação” de 1946, o título de “estudante de Filosofia”. São dois pontos muito interessantes – que eu não sabia – e esse questionário de desnazificação, que é muito interessante. Nós, eu sou testemunha de que a primeira família que ela atendeu, porque ela atendia famílias – havia um burburinho na época da posição política dela – e eu era cliente dela, não havia nada disso e ela tinha vários clientes judeus.

Em sua bagagem para o Rio de Janeiro, trouxe também a declaração do chefe do Instituto Central de Doenças Psicogênicas de Berlim, Henrick Schultz-Henke, como possuindo “qualificação para realizar análise”; tendo completado o quinto semestre da “formação de psicanalista” e as primeiras supervisões. Porém tudo isso foi contestado pelo mesmo grupo, ou seja, pela Rio de Janeiro. Ela dizia que o Schultz-Henke foi analista dela, ela sempre dizia isso.

Importante dizer, desde a vinda de Catarina para o Rio de Janeiro em 1948, ela se empenhou, obstinadamente, para trabalhar como psicanalista no Brasil. Imaginem a dificuldade. Começou em setembro de 1951, no Centro de Educação de Crianças e Jovens. A sua função era de “pesquisa de estrutura da

personalidade, anamnese geral e específica, estudos dos desvios de personalidade”. Futuramente quem consultar o site da Biblioteca vai encontrar os diversos trabalhos da Catarina, inclusive sobre prevenção.

Gostaria de destacar o que diz Ronaldo Victor (2021), uma das fontes desta minha apresentação: o texto de Hans Füchtner (2011), resgatado no site *www.psychanalyse.lu*, com o título *Uma carreira de psicanalista atípica e contrária às normas: o caso Kattrin Kemper*. O material exposto traduz um ponto de vista histórico a respeito de Kattrin, como sendo um paradoxo da instituição psicanalítica, enquanto excluída da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro por falta de qualificação profissional. Porque Kattrin era reconhecida por setores de formação psicanalítica no Rio de Janeiro, fora do contexto IPA, naturalmente, e homenageada por instituições de Psicanálise. Entre inúmeras considerações, uma que se dirigirá à sua personalidade é de pessoa diferenciada no contexto da época, sem dúvida, totalmente diferenciada. Referida pelos seus contemporâneos como sendo de sensibilidade efusiva e afetiva, com grande participação no meio social. Ela já veio de Berlim com a proposta de trabalhar sempre de forma social, tanto na clínica social – que vocês conheceram – quanto no próprio consultório, onde ela atendia. Dava preferência para atender grandes grupos, sempre grandes grupos. E, nos finais de semana, nós íamos à casa dela para o encontro social. Então, realmente, ela não parava. O que se sobrepõe na sua história é que o foco do nosso olhar, se apontar para o lado de sua personalidade ou para o lado da inserção institucional, revelará um ser inquieto, com certeza.

Durante alguns anos, na década de 1950, na SPRJ, Catarina Kemper organizou seminários, atendeu grupos de trabalho com mães e grupos com pais de crianças com dificuldades na educação. Fez ainda nesses anos uma inusitada e bem-sucedida experiência com psicoterapia de grupo com vários casais ao mesmo tempo. Em sua atividade, ainda na Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro, conforme pesquisa, realizou trabalho de doze análises didáticas e dezoito supervisões. Realmente ela não tinha hora para nada.

Mas deve-se ressaltar que, mesmo com todo o apoio que pudesse ter tido de Werner Kemper, a sua ascensão psicanalítica não seria possível, se ela não tivesse conseguido pessoalmente um sucesso terapêutico extraordinário. Realmente ela não tinha hora para nada: os grupos iam aumentando de tamanho, doze pessoas, quatorze pessoas...

Catarina Kemper deve ter sido muito perspicaz, diz o autor. E ele não a conheceu, é impressionante! Ele fez pesquisa o tempo todo. Assim, a decisiva recusa de Catarina de agir, terapêuticamente, conforme as regras e a importân-

cia que dava à maneira individual espontânea de agir e reagir, além do fato dela não respeitar uma fronteira muito nítida entre o *setting* terapêutico e a realidade do dia a dia, contribuíram muito em alguns casos – eu diria em todos os casos – para o seu surpreendente sucesso terapêutico. Enfim, o seu jeito nada convencional agradava. Todas essas características fizeram dela uma analista muito procurada. Ela atraía tanto artistas quanto intelectuais não convencionais e tinha um jeito especial de lidar com crianças. Ela era muito alta e muito grande, mas é impressionante o jeito que ela tinha para lidar com as crianças, de supervisionar casos de crianças. Vocês podem encontrar trabalhos dela como “Interpretação sobre alusão”, “O contato epidérmico”, “Rememoração Sentida”, enfim, muitos trabalhos que podem ajudar a todos nós. Todos esses trabalhos, em breve, estarão cuidados e escaneados, no site do CPRJ, no acervo da nossa Biblioteca.

Dona Catarina revelava amor pela natureza e amava as orquídeas, os gatos, em particular Nega, sua pastora, que fazia análise junto conosco no grupo. Quando nós chorávamos, ela, a Nega, também chorava. Eu que tinha muito medo de cachorro aguentava, mas não sabia se olhava para a Catarina ou para a Nega. Quando eu via a Nega chorando com um colega do grupo, não tinha jeito, porque nós fazíamos de tudo com ela: grupo, supervisão, aulas. Era um *mix*. Então não tinha jeito, tinha que entrar já naquele portão com a Nega do lado.

Quando Igor Caruso visitou o Brasil em 1968, ele a procurou, em companhia de Malomar Lund Edelweiss, Presidente do Círculo de Psicologia Profunda de Belo Horizonte. E, em entendimento com Caruso e Edelweiss, ela fundou em 1969, junto com alguns alunos no Rio de Janeiro, o *Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro* – não podia deixar de ser. Como muito bem diz João Batista, onde ela botava a mão, virava ouro. Nós não estaríamos aqui sem ela, com certeza. E esses alunos foram também os fundadores do Círculo.

Em março de 1970, Catarina Kemper saiu oficialmente da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. E o Círculo a homenageou denominando a sua Biblioteca de *Biblioteca Anna Kattrin Kemper*. Quando Anna Kattrin Kemper faleceu, no dia 27 de junho de 1978 no Rio de Janeiro, ela foi homenageada como “a grande dama da psicanálise”. Já lhe tinham sido atribuídas importantes honrarias nos seus últimos anos de vida, como o título de “carioca honorária” concedido pelo jornal *O Globo* em 1976, o epíteto de “a analista das analistas” e “Catarina, a Grande”.

56 anos, bela jornada *João Batista Lembi Ferreira*

Bom dia, Graça!

Bom dia, Suely!

Bom dia, Bernardo!

Bom dia para todos nós!

Presente, Passado, Futuro!

É muita honra estar aqui, por milhares de razões. Mas, em especial, porque aqui, já disse isso em outra ocasião, tive meu primeiro e virginal abrigo. Muitíssimo obrigado ao Círculo Psicanalítico.

Vamos dar um pulo aos anos 60 e fotografar a psicanálise no Rio de Janeiro. Havia três instituições: a SBPRJ, a SPRJ e o IMP. Esta última de linha culturalista. As duas primeiras eram filhas legítimas e amadas da IPA, abertas somente a médicos, salvo raríssimas exceções, à época, três mulheres não médicas guardadas em sombra e silêncio. O rigor para com a abstinência postulava ao profissional, inclusive, não se expor, evitar todo e qualquer contato com o paciente fora do consultório, preservar a própria imagem de ter assento em jornais, nos meios de comunicação e logradouros, onde pudesse estar um cliente seu.

Nossa história começa na Áustria, terra em que Freud teve o “sonho de liberdade” ao visitar o Inconsciente. Igor Alexander Caruso, com berço na Moldávia, viveu o anseio de Sigmund, na cidade da música, e rompeu com a IPA por discordar da rigidez com que se punha como detentora do legado do *Herr*. Criou, então, os Grupos de Psicologia Profunda, a fenomenologia como moldura, no ar o sopro do existencialismo, e trouxe a abertura, na escuta, para o Novo Mundo. Assim, ganha a América Latina, México, Colômbia, Argentina, chegando ao Sul do Brasil para formar uma frente independente da “madrasta” de Londres, o Círculo Brasileiro de Psicologia Profunda. Sólida aliança o enlaça a Malomar Lund Edelweis, conheceram-se em Viena. Caruso ancorou-se com o Círculo, primeiro em Porto Alegre, para depois plantar-se em Belo Horizonte, desta feita, com o Círculo Brasileiro de Psicanálise.

Igor Caruso quis encontrar-se com Kattrin Kemper e Hélio Pellegrino, nas Alterosas, Malomar, o mais entusiasta, para a criação de um braço do Círculo no Rio de Janeiro. Os dois sonhadores, Kattrin e Hélio, confabulavam todo o tempo a meta de criar uma Clínica Social, segundo os moldes das Clínicas Públicas de Freud, que vieram de 1922 a 1938, inspiradas na proclamação de

Budapeste (FREUD, 1987), às margens do mesmo poético e mágico Danúbio de Viena, em 1918. Dona Catarina carregava a tiracolo a experiência da Policlínica de Berlim, com crianças mutiladas e traumatizadas pela Guerra, órfãs de amor. Ademais, uma de suas idas a São Paulo para estar com Adelaide Koch, cuja filha foi encaminhada para tratar-se com Katrin, discutiu a viabilidade da psicanálise para os deserdados. Impressionou-se com o movimento do Instituto Sedes Sapientiae, fundado pela psicóloga Madre Cristina Sodré Dória, que abriu a faculdade de filosofia voltada para o povo. Queria ela que a filosofia pudesse servir de ferramenta para a expansão da consciência, do autoconhecimento, a fim de que o sujeito se pusesse no mundo com mais segurança e alegria, gerando bem estar para si e para seu entorno.

Anna Katrin Kemper, signatária da fundação, docente, analista, didata, supervisora, representante da SPRJ em Congressos Nacionais e Internacionais, demitiu-se em 1968, sendo expulsa a seguir por não ser reconhecida como psicanalista. Onde estavam os documentos de certificação? Saiu com um terno semi-sorriso nos lábios, sem dizer palavra, cercada de quase todos aqueles que visitavam seu divã, poltrona e sala de aula. Fundou o Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, em 1969. Da mesma SPRJ, em 1970, Hélio Pellegrino foi excluído por denunciar desmandos e arbitrariedades ali praticados; ignomínia maior, acobertar um médico- militar-torturador, em formação psicanalítica, vilania inafiançável por ser crime contra a humanidade.

Ela estrelar, ele solar, os dois não podem ser citados em separado. Não conheceram a covardia e nem se arvoraram em salvadores do mundo. Ambos andavam longe das inimizades. Mantinham a primavera na alma, a ternura no coração, falar e fazer, o imperativo categórico de cada um, e criaram a Clínica Social de Psicanálise, em 1973.

Suely Duék praticamente esgotou esse desenho e o fez com maestria e arte, esteta que é, presenteando-nos com a história, em inolvidável palestra. Além do mais, acicatou com o grito a reverência devida à Grande Mestre, clamando por urgência a publicação das obras completas de Dona Catarina, ainda guardadas nas gavetas do Círculo.

Katrin Kemper, a Grande Alma – outro título que recebeu quando nos deixou, em 1978, antecedendo-se em dez anos a Hélio Pellegrino – “ouviu”, na cerimônia do adeus, Hélio emocionado dizer o que, hoje, a memória não consegue reproduzir, mas cujo longínquo sentido foi mais ou menos assim:

Neste dia do passamento de Katrin Kemper, concentram-se todos os sentimentos que duramente nos confrangem a alma. Quantas vezes fomos a esta Senhora, quantas vezes, deitados no divã de sua casa, falamos-lhe da morte, da

noite sem fim, sem meio termo, que tanto nos perseguia e assombrava. Perguntávamos a ela o que poderia nos dizer da morte. A gata Bambina, da janela, assistia a tudo sem se mover. Só olhava. A Nega, cadela de estimação, acólita terapêutica, mantinha-se impávida aos pés da dona. Silente, deitada, não dormia. Às vezes, alteava as orelhas. Nenhum cliente decifrou o código daquela escuta. Dona Catarina nos ouvia repetir a mesma pergunta, permanecia em silêncio. Acendia o cigarro e olhava para fora da janela, como se lá pudesse estar nossa resposta. Hoje, quebra-se o espelho que fizemos dela. Com o mesmo silêncio, sem o cigarro e a janela, sem Nega e Bambina, responde, agora, ao nos deixar trazê-la para esta nova morada, a todos nós, com incomensurável placidez e verdade: “Olhem, ela, a morte, é aquilo que é”.

A costura que experimento fazer aqui é no intuito de tentar preservar a memória das raízes da nobre Instituição, seu nascedouro, marcado com o espírito de abertura, invenção e criatividade, salvaguardados os ensinamentos de Freud e de seus seguidores.

Alegria e delicadeza eram a suave atmosfera que reinava em torno da ideia de uma Clínica Pública e um lugar de estudo, incluindo a multifacetada cultura brasileira, facultada a psicólogos, pedagogos, a escuta diferenciada, com a inclusão dos excluídos.

Como já se disse, primeiro veio o Círculo, empurrado pelas circunstâncias, depois a Clínica Social, libidinizando a vida. No Brasil, cruel e cruenta ditadura militar, promovendo a cultura da morte. Aos poucos, houve uma centralização na pessoa de Katrin Kemper, com afastamento sem justificativa, em relação ao grupo de Belo Horizonte, Malomar e Caruso e, sobretudo, o cancelamento de Hélio Pellegrino, pessoa que incomodava até pelos extraordinários abonos que portava. Ganhou desafetos. A filha foi recusada a fazer formação no Círculo do Rio de Janeiro, mistério insondável em torno das possíveis razões. Quanto ao Círculo do torrão de horizonte belo, a parceria foi enamorada, membros da Instituição de BH vieram a RJ para aulas na formação da primeira turma, com participação no curso da Rua Paulo Barreto. Dois nomes ainda os tenho na memória, Dra. Elba Duque e Dr. Jarbas Portela. O Congresso Brasileiro de Psicanálise, promovido pelo grupo das Gerais teve lugar aqui, no Rio, no Hotel Nacional, em novembro de 1973. Não sei explicar, um arrefecimento das relações soltou os dois elos da aliança, o de Minas, criando, em Copacabana, o Círculo Brasileiro de Psicanálise, secção Rio. Como lidamos com nossos irmãos?

Mais reverência mostram à Dona Catarina do que nós outros. São gratos a ela pela doce amizade com Caruso e Malomar, em Belo Horizonte, quando

desenhavam o Círculo de Minas Gerais. Sobre ela, há dois memoráveis números na revista CBPRJ sobre a vida e obra de nossa fundadora, documentos históricos que precisam ocupar lugar na *Biblioteca Anna Katrin Kemper*. Saíram à nossa frente com publicação dos trabalhos teóricos de Dona Catarina para registro público e fonte de estudo e pesquisa das trilhas por onde ela passou com criações, reflexões e proposições próprias. Dr. Anchyses Jobim, psicanalista do Círculo Brasileiro de Psicanálise do Rio de Janeiro, conhece como ninguém a história dos Círculos. Escreveu primoroso artigo sobre Anna Katrin Kemper, nascimento, casamento com Dr. Werner Kemper, formação, atividade clínica, vinda para o Brasil, adoção da nossa terra como sua, legado que se oferece à nossa crítica, estudo e emulação. Urge uma reaproximação, respeitadas as diferenças, partilhando as semelhanças dos mesmos ideais.

Desçamos aos fatos. Escutar a dor do povo era algo que já acontecia em São Paulo e chegava fortemente a Minas Gerais com Hélio Pellegrino, idealizando uma clínica cuja finalidade seria abrir-se ao povo, embora isso não tenha acontecido. E Dona Catarina não tirava da cabeça a ideia de uma policlínica, o que Hélio de imediato acolheu como uma proposta nobre, porque, em Belo Horizonte, na Vila dos Marmiteiros, ensaiou, como médico, trabalhar com aqueles remanescentes da construção da bela cidade. A Capital foi fundada em 1898. Hélio Pellegrino formou-se em medicina e foi logo atuar naquela Vila, que era uma espécie de um “gueto” dos ex-empregados, ex-pedreiros, ex-construtores de *Curral del Rey*. Entendeu que aquela gente sofria tanto, tinham as pessoas tantos achaques que era importante ter uma atenção especial para com elas, algum lugar em que pudesse dizer o que sentiam. Naqueles tempos, a perseguição às ideias humanitárias, taxadas de comunistas, era ferrenha, tanto que um “sambinha”, bem inocente, chamado Pedreiro Waldemar, foi proibido como subversivo. O enredo era mais ou menos assim:

Você conhece o pedreiro Waldemar?
 Não conhece?
 Mas eu vou lhe apresentar.
 De madrugada toma o trem da Circular,
 Faz tanta casa e não tem casa pra morar.
 Leva marmitta embrulhado no jornal,
 Se tem almoço, nem sempre tem jantar.
 O Waldemar que é mestre no ofício
 Constrói um edifício
 E depois não pode entrar.

Vamos criar uma Clínica para o Povo! Foi o compromisso solene e público do Dr. Pellegrino.

E evocaram o espírito do primeiro médico da humanidade, Hipócrates. Construiu um hospital para a *pólis*. Não apenas deve ser lembrado como o criador do juramento médico, mas também pelo que escreveu. Ares, águas e lugares, cujo espírito poderia alentar a ideia da Clínica Social e do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro.

Engajado na luta antimanicomial, ensaiada no Instituto Raul Soares, na cidade natal, Hélio cita outro livro, *O louco e o riso*, sobre Demócrito. Hipócrates conversa com o filósofo de Abdera, tido como um louco, inventor da teoria atômica, dizendo haver uma chuva de átomos caindo ao acaso, desordenadamente. E que, nessa queda aleatória, juntam-se de uma forma tão necessária que tudo, a partir desse ponto, se repete de uma maneira inexorável. Se rorem átomos de árvore numa determinada forma de chuva, os átomos se aglutinam e, a partir disso, o agrupamento só produzirá árvores. Daí o título do trabalho de Demócrito rezar, *O acaso e a necessidade*, o que foi tomado como loucura. E Demócrito, o louco, respondia com o riso.

Ares, água, terra, na linha do pré-socrático Empédocles – faltou o fogo dos quatro elementos – definem bem o que esteve na origem do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro e mantém-se como jubilosa herança de Dona Catarina e Hélio Pellegrino. Os ares que trouxeram a ideia inaugural, se sofreram oscilações, são ainda os mesmos que emboscam a esperança. De igual forma, pode dizer-se da água, límpida e cristalina. Nunca deixou de ser potável. A terra, a *pólis*, lugar dos políticos, na castiça acepção do termo, não sofreu desmentidos que alterassem a identidade da Instituição, nascida para ser aberta, inovadora, revolucionária.

O Mestre de Viena transmitiu aos pósteros o espírito, cuja base é o *arché*, os quatro elementos do filósofo de Acragas. Basta ler o precioso e indispensável livro de Elizabeth Ann Danto (2019), *As clínicas públicas de Freud*. Que fogo transformador trouxe para fundir cobre, prata, ouro e lutar contra as neuroses, dentro da práxis, defendendo Theodor Reik?

Escrita, em 1926, *Análise leiga* (FREUD, 1927) reafirma que a psicanálise é do povo, nascida da Social Democracia. Em tempo, teremos brevemente outro estudo que promete um maná novo para alimentar nossa esperança, o livro de Raluca, formanda no Círculo, viajando quadrantes para nos dar a cartografia atual das Clínicas Sociais, espalhadas pelo mundo.

Dona Catarina e Hélio estavam constantemente juntos, planejando encontros, como os da Rua Paulo Barreto. Pensamento de Freud e de seus segui-

dores, durou um ano, cujos fundos se destinavam à criação da Clínica Social. O mesmo com os Encontros Psicodinâmicos, A criança, os pais e seus problemas, evento de dois semestres, na Universidade Cândido Mendes. Hélio Pellegrino, nos dois acontecimentos, foi o mais atuante e rumoroso, eloquência, saber e graça em um pacote só.

Começou a formação de candidatos a psicanalistas, Hélio Pellegrino, depois de três brilhantes aulas sobre as teorias de Donald Fairbairn, não foi mais incluído no currículo, nem como professor convidado, não havendo lugar na formação para o escocês Donald. Estranhou, mas não reclamou e nem razões buscou sobre o cancelamento. Vale lembrar que Dona Catarina não queria mais participar ativamente como docente nem como colaboradora efetiva no Círculo e na Clínica Social, não aceitando a direção de uma nem de outra Instituição por razões de cansaço. A saúde começava a lhe escapar das mãos. A amizade com Pellegrino nunca arrefeceu.

Esta honrada Casa, que vem formando excelentes profissionais, cuja equipe docente e administrativa é da melhor estirpe, tem acolhido palestras, promovido encontros com temas relacionados à história de sua criação, outros que discutem o legado da CSPAKK, onde o nome do Hélio Pellegrino é lembrado com lisonja e gratidão. É nobre esse resgate com um quê de reparação, o que faz deste lugar, espaço da verdade, da amizade e da justiça, com torcida para harmonia e crescimento de todos.

São 56 anos de fecundo labor, o pensamento do presente de olho no futuro, porém, rememorar a história, passear pelo passado, preserva as raízes em que se assenta o tronco. As novas gerações dão menos importância ao passado? O passado perde a corrida para o futuro? *Panta rei*, diria Heráclito de Éfeso, tudo corre, porém que fique pelos menos em ata que Katrin Kemper criou o Círculo do Rio de Janeiro, Hélio Pellegrino e K. Kemper fundaram a Clínica Social – a ordem dos nomes tem sua importância – sendo aberta a todas as Instituições, sem filiação a nenhuma delas, como também sem o fito de oferecer formação aos colaboradores.

Maria Theresa da Costa Barros guarde, na Biblioteca, a foto histórica de Belo Horizonte, nos anos 60, Hélio Pellegrino, Malomar Edelweiss e Katrin Kemper, as conversas encharcadas de risos, pelo lúdico das discussões, o pensamento fixo em Martin Heidegger. Katrin muito o estudara, na Alemanha, o existencialismo, forte corrente filosófica, discutido dentro e fora da academia, psicanálise existencialista, a liberdade o sentido último do desejo.

Jean-Paul Sartre nutria os mesmos propósitos, liberdade e responsabilidade, o fio condutor da existência humana, angústia como constitutiva, o homem

responsável por suas escolhas. Concomitantemente, os cursos básicos do pensamento freudiano com Henrick Schultz-Henke compunham a tessitura com que ela embasava sua formação.

Não era o que vigia na IPA, rígida em regras e postulados de como “fazer” psicanálise, seus adeptos filhos legítimos, os fora de seus quadros, espúrios e bastardos. Pertencer à IPA: garantia linhagem real. Sangue azul. A metodologia apostava na formação através da obediência cega, como se dizia, os candidatos eunucos, legitimados após provas de absoluta fidelidade e servidão. Psicanalistas de papel passado.

Sorte a nossa, tempos bons aqueles bons tempos!

Como se formou a primeira turma?

Os “discípulos”, que deixaram a SPRJ e acompanharam o exílio de Anna Kattrin, organizaram-se para dar aulas a uma primeira turma de formação sistemática. Eram três médicos e três psicólogos os docentes. Estudaram um currículo, distribuíram entre si as matérias. A professores, convidados de outras Instituições, reservaram-se pautas complementares, dentro da carga horária da formação. Selecionaram dez candidatos, quatro médicos e oito psicólogos, cinco mulheres e cinco homens. Não havia um local fixo, até acontecer o aluguel de uma sala na Clínica Social de Psicanálise. Somos três. As lembranças são gratas, sobretudo, lúdicas, cada um de nós tentando fazer jus à Casa que foi para nós virginal abrigo, lugar de estudo e discussão, a fratria como o tapete da amizade que nos manteve unidos. O clima era de muita amizade, ludicidade em meio a muito riso. Havia simplicidade. Altercações sim. Cordialidade, o pano de fundo. Estudava-se à noite, com esticadas a bares e restaurantes, noite adentro. Por iniciativa dos alunos, subgrupos surgiram, segundo interesse de assuntos, os encontros apazados em dia e hora convenientes a todos, revezados nas residências de cada um.

Como última atividade academia, Dona Catarina regeu, paralelamente, alguns interessados em formação para atendimento à criança, usando sua pioneira e singular experiência no segmento infantil. Com justiça, pode dizer-se que há um pensamento kattriniano, fez escola, seu legado em nossas mãos, merecendo leitura com o devido olhar para com o espírito de época.

Hoje!

O Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro é uma Instituição respeitada e admirada no cenário dos centros de formação, ousado dizer, no Rio e fora de nossa cidade, com primoroso corpo docente, fecunda produção científica que faz da *Cadernos de Psicanálise* uma revista de peso. É largo o leque de alternativas para além de um currículo formal, oferecidas ao aluno em formação, como,

além da ativa Biblioteca, Oficinas, *Workshops*, Seminários Teórico-Clínicos, Grupo de Psicanálise com Crianças e Adolescentes, Grupo de Psicanálise e Cinema, Comissões de Administração, de Formação Permanente, de Publicação. Nasceu inovador e nunca mais parou de inovar: as últimas proposições, cotas para as minorias, para que tenham vez, voz e voto. Tudo isso nos imensa!

Assim, agradecido, honrado e admirado, fico com o que minha cansada vista alcança.

56 anos, bela jornada!

Muito Obrigado!

O Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro ainda está aqui e além... *Bernardo Arbex*

Bom dia a todas e todos aqui presentes e aos colegas que nos acompanham online. Gostaria de agradecer à Comissão Administrativa, em nome da Graça, esse convite honroso e generoso para poder ouvir os colegas de mesa com suas histórias que são tesouros para nós que estamos começando, enfim, continuando o legado desta casa, e para prestar uma homenagem ao Círculo, ao nosso Círculo.

Bom, eu vou ler uma fala que eu preparei para vocês.

Há uma conhecida narrativa sobre o encontro de Tom Jobim com Villa-Lobos:

Jobim imaginava que o ambiente de composição de seu grande mestre seria silencioso, quase asséptico, para que o maestro pudesse dar vazão às músicas que lhe ocorriam sem maiores interferências. No entanto, ao chegar na casa de Villa-Lobos, localizada em uma região bastante movimentada do centro do Rio, Tom Jobim se deparou com um ambiente barulhento. O compositor escrevia suas obras em meio ao trânsito das ruas e às algazarras constantes no seu lar.

Quando Tom revelou seu estranhamento, Villa respondeu: “Menino, o ouvido de fora não tem nada a ver com o ouvido de dentro”. E complementa: “se o bonde passar aqui, eu boto o bonde na minha sinfonia, porque a minha sinfonia é uma coisa viva” (JOBIM, 1993).

Vamos embarcar nesse bonde?

Da mesma maneira como a escuta psicanalítica, flutuante, é atenta ao barulho, à qualquer coisa que apareça «dentro ou fora», assim o é também a sensibilidade dos ouvidos de nossa instituição.

Há uma espiral em forma de caracol no nosso sistema auditivo chamada cóclea, onde as ondas sonoras se transformam em impulsos elétricos; é como uma concha acústica que não se fecha.

Assim o Círculo pode escutar com um ouvido de dentro e outro de fora, transformando nossa sinfonia em um movimento psicanalítico vivo.

E isto se manifesta em vários níveis: na nossa logomarca, no diálogo plural entre os autores que abordamos na formação, na Clínica Social e na singularidade de cada analista que aqui se forma.

Talvez pela insígnia que o representa, a espiral, o Círculo sempre me remeteu à topologia. Recordo do meu primeiro dia em um curso sobre a história da produção conceitual psicanalítica em 2011.

A partir daquele ano, o bonde percorreu várias estações: me dá vontade de contar todas, uma a uma. Como o tempo não me permite – sintam-se todas e todos homenageados – gostaria de resumir um pouco a sequência de minhas experiências no contato com algumas delas.

Em Freud I, tive a visão de Beth Müller sentada à minha frente com suas inconfundíveis pernas elásticas topologicamente cruzadas. De maneira transgressiva, ela soprava fumaça para o alto. Ela falou sobre o *Einzigiger Zug*: o traço unário, a identificação primordial; em alemão, vocábulo que denota um único trem e que alude figurativamente a um único movimento.

Ao ser apresentado à segunda tópica por Marcos Comaru, pude perceber que Freud havia incluído uma cavidade acústica em seu modelo de aparelho psíquico.

Introduzindo a dimensão técnica na obra de Freud, conheci Claudia Garcia com quem hoje tenho a oportunidade de aprender o rigor teórico e a sensibilidade clínica de André Green.

A partir daí, abriu-se um panorama dos pós-freudianos na ocular quadri-focal de Bercherie, exposta de modo instigante por Paulo Sergio: do legado de Freud, quem faz escola?

No encontro com Ferenczi, por intermédio de Jô Gondar, pude tomar conhecimento a respeito de uma teoria não estruturalista da linguagem. Por uma via sensória, o corpo também seria um tesouro de significantes.

Na introdução a Melanie Klein, conheci Edson Lannes. Com sua generosidade, logo no primeiro dia, confidenciou à turma que era tarefa difícil encontrar alguém disposto a dar aquelas aulas sobre a corajosa «tripeira da psicanálise». No entanto, ele não hesitava em assumir magistralmente esse posto.

Ainda no âmbito desse curso, me surpreendi com a ludicidade do jogo do rabisco de Winnicott que foi apresentado por Neyza Prochet: a cada jogada,

um nome temporário aos contornos do desenho criava e recriava o desejo de continuar tracejando.

Quando da introdução a Lacan, encontrei Rosa, o esquema ótico do buquê invertido e outras tantas figuras topológicas que compõem a obra do psicanalista francês.

Toda topologia se refere a um lugar, todavia este lugar é um «entre» não localizável, tal como o aparelho psíquico concebido por Freud. Nesse «entre» estímulo e resposta, existiria uma fenda donde pode vir a surgir a matéria vida.

Nesse sentido, a espiral do Círculo também pode ser interpretada como uma imagem para o circuito pulsional, em que Eros opera seus desvios para que o ideal de satisfação da pulsão não seja atingido, para que a “boca não se beije”, para que o ouvido não se feche, impedindo então a circulação dos diferentes objetos que convocam o sujeito à vida.

Quando aqui cheguei em 2011, ainda não conhecia a história do Círculo. Fui atraído pela abertura com que a instituição acolhia não médicos e não psicólogos, e também pelos consagrados analistas que compunham o seu quadro de membros.

Essa abertura institucional também se reflete na composição dos coordenadores, colaboradores externos, que participam ou já participaram da transmissão psicanalítica nos seminários. Atualmente, podemos citar: Luciano Dias, Natasha Helsinger, Thais Klein, dentre outros tantos que se debruçam sobre as importantes interseções entre a psicanálise e as questões de raça e gênero.

Desse modo, concordamos com o que disse Luis Claudio Figueiredo por ocasião dos 50 anos do CPRJ: “Para muitas colegas, um bom ponto de partida. Para mim, um ótimo ponto de chegada.”

Aos poucos, passei a entender o Círculo como uma casa de migrantes que, advindos de vários campos do saber, dialogam em um ambiente fecundo para a proliferação do pensamento psicanalítico brasileiro.

Familiarizei-me com o traço político dos Kempers desde a Alemanha até sua migração para o Brasil no pós-Guerra, traço este que retornou no seu apoio a pessoas que precisavam sair do país durante a ditadura.

Uma de nossas precursoras, fundadora e analista dos membros fundadores do CPRJ, Anna Katrin Kemper, teve o desejo de que a psicanálise brasileira não servisse apenas à elite. Desde os primórdios, junto a Helio Pellegrino, insisti na proposição de uma Clínica Social efetivamente aberta para que os postulantes ao tratamento psicanalítico pudessem arcar com um valor simbólico para as sessões, dentro de suas realidades monetárias. Menos simbólico

para o pagante, mais para nós que o recebemos. Pois isso tem consequências extremamente relevantes para a compreensão das subjetividades que integram a nossa brasilidade.

Além de ter participado como analista da Clínica Social, tive a chance de compor a equipe de triagem entre 2019 e 2022. Na realização de entrevistas com candidatos a analisantes, pude me deparar com a multiplicidade desses encontros no seguinte sentido: as pessoas que procuram o CPRJ para um tratamento psíquico advêm de origens socioeconômicas e culturais muito heterogêneas.

Para além dos muros, o Círculo abriga ou já abrigou em seu núcleo comunitário projetos que promovem a psicanálise em extensão, como o *Tá na roda*, a parceria com a Rede de Atenção a Pessoas Afetadas pela Violência do Estado e atualmente o *Dispositivo grupal CPRJ* com o Centro Municipal de Saúde Botafogo.

Desse modo, pode-se perceber que o Círculo sempre reencontra, cada vez sob nova perspectiva, seus traços originários e assim embarca no bonde da história.

Talvez isso tenha nos permitido, nos últimos anos e a partir dos traumas sanitário e político que vivemos, afinar a escuta, recapitular o nosso passado e abrir mais uma vez a instituição.

Tal é o exemplo do Programa de Ações Afirmativas que viabiliza a formação de analistas cujas vozes ainda não podiam ser ouvidas; estavam até então sufocadas pelo desmentido, engendrado no seio de nossa identidade nacional. Essas vozes têm muito a nos dizer.

Nisso consiste uma das preciosas contribuições de Jurandir Freire Costa em seu *Além do princípio do pudor* (2023). Se brincam que o Chico Buarque do nosso tempo é o próprio Chico Buarque, podemos dizer que o Jurandir Freire Costa do nosso tempo é o próprio Jurandir.

Quando da trágica morte de Marielle Franco, consagrou-se o dizer de que, embora brutalmente assassinada, Marielle se tornou uma semente que fez brotar muitas representantes de seu legado na política.

Como nos indica Ailton Krenak (2022), “o futuro é ancestral”. Na contemporaneidade, diante de tanta transitoriedade dos corpos e de um regime político que insiste em negar a efemeridade do nosso meio-ambiente, se há um futuro humano possível, ele deve ser inventado a partir das fortunas que nos foram legadas pelos nossos antecedentes.

Esse seria um desígnio cultural da máxima freudiana: *Wo es war soll Ich werden*. Onde o isso era, o eu deve advir.

Em uma instituição psicanalítica como o CPRJ, temos o privilégio da con-

vivência transgeracional, o que nos permite integrar vários vértices da nossa ancestralidade.

Como demonstra a série *Adolescência*, formou-se um abismo geracional que isola os mais novos do contato com seus ancestrais, logo não conhecem sua história. Se vivemos um eterno presente, aqui as menções a Anna Katrin Kemper, Edson Lannes, Henrique Baez e outros tantos nomes que compõem os nossos fundamentos, isto é maneira de manter acesa a chama do legado.

*“É com você se isso aqui vai ser chamado de tesouro ou velharia. Não entre aqui sem desejo.”*²

O Círculo oferece a oportunidade de um início gradual por muitas dimensões da formação analítica. Nele, os associados têm acesso à pluralidade do campo teórico. Compartilham a escuta de seus casos nas variadas oficinas clínicas. Apresentam seus trabalhos nas Jornadas. Participam ativamente da transmissão psicanalítica e colaboram com as Comissões do CPRJ.

Tendo percorrido algumas delas, posso oferecer o testemunho de que se trata de um trabalho árduo e minucioso, de regência de múltiplas forças para a condução de uma instituição que se organiza em vários eixos:

A Comissão de Gestão que, responsável pela administração da casa, cuida de sua autoconservação;

A Comissão de Formação Permanente que abre espaço para a troca intelectual e para a formação de novos membros;

A Comissão Clínica que estende os ouvidos institucionais para as pessoas que buscam tratamento para seu sofrimento;

A Comissão de Publicações e Biblioteca que funciona como sua memória e como inscrição de novos registros;

E finalmente a Comissão de Ética que observa e sanciona os deveres institucionais *pari passu* com a a ética da psicanálise.

Coordenar um corpo tão complexo requer constantemente um duplo movimento de respeito às origens e de elaboração de uma nova ação psíquica para fazer consistir essa psicologia coletiva.

“A identificação madura corresponde a um movimento de ‘ser com o outro’”
(KEMPER, 1969 *apud* DADOORIAN, 2019).

2. Frase do Museu do Homem em Paris, pronunciada por Edson Lannes nas comemorações dos 50 anos do CPRJ (DADOORIAN, 2019).

No belo livro comemorativo dos 50 anos do CPRJ, Edson Lannes nos lembra, em seu depoimento, que Alba Senna costuma distribuir uma frase de Goethe em seus encontros: “Aquilo que herdaste dos teus ancestrais, conquista-o, para que o possuas” (GOETHE *apud* DADOORIAN, 2019).

Haveria uma distinção semântica entre os termos *herança* e *legado*. Enquanto o primeiro se refere à divisão do espólio, o segundo aponta para a multiplicação dos bens entre os descendentes.

Interessante pensar que esta casa que já foi lar dos Mascarenhas, hoje transmite o legado dos nossos fundadores e antecedentes, como também divulga o pensamento de tantos outros que nos representam na atualidade.

Esta casa parece ser como o jardim de Katrin, ambiente de sementeira, de encontro com a produção e difusão da psicanálise brasileira.

As artes plásticas, que uma vez atraíram Katrin para uma possível escolha profissional, talvez tenham participado da concepção de uma instituição que preza pela elasticidade, que permite o diálogo entre os dialetos psicanalíticos sem redundarem em confusão de línguas, mas em confluência de pensamentos.

Para finalizar, com alguma licença poética, gostaria de acrescentar mais uma base ao nosso famoso tripé da formação. Além da análise pessoal, da supervisão dos casos clínicos e do estudo sistemático e teórico da psicanálise, me parece que é na instituição, abrigo de nossa formação, que podemos encontrar nosso bonde, nosso trilho, nossa casa.

Desse modo, o Círculo se configura como um espaço potencial em que todo o percurso analítico se articula, pois, derivando o sentido da fala de Winnicott sobre o bebê: «não existe essa coisa chamada analista sozinho».

É certo que nosso ofício no consultório é solitário, que o encontro com o osso de uma análise pessoal é solitário, que a supervisão pode ser concebida como um eco invertido da mensagem de *um* caso.

Mas uma casa como o CPRJ é um ambiente afetuoso em que se pode destacar cada singularidade dos membros componentes, onde se cria um mutirão de analistas, lugar em que nossa prática se recria, se consolida e se valida. O Círculo é casa que, dotada de um ouvido de dentro e um de fora, inspira a composição da trilha do desejo de continuar.

Só tenho a agradecer: obrigado, Círculo, e parabéns pelos seus 56 anos!

Tramitação

Recebido 21/04/2025

Aprovado 11/06/2025

Referências

COSTA, J. F. *Além do princípio do pudor*. São Paulo: Zagodoni, 2023. 114p. (Coleção Inquietações).

DANTO, E. A. *As clínicas públicas de Freud*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

DADOORIAN, D., FAGUNDES, L., PEREIRA, C. (Orgs.). *Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro: 50 anos*. Rio de Janeiro: Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, 2019.

FREUD, S. *A questão da análise leiga*. In: STRACHEY, J. (Org.). Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 205-293. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 20).

_____. *Linhas de progresso na terapia psicanalítica*. In: STRACHEY, J. (Org.). Rio de Janeiro: Imago, 1987. (ESB, 17).

FÜCHTNER, H. *Uma carreira de psicanalista atípica e contrária às normas: o caso Katrin Kemper*. Tradução de Jehovanira Chrysóstomo de Souza. *Psychanalyse.lu*, Oktober 2011. Disponível em: <<http://www.psychanalyse.lu>>. Acesso em: 20 mar. 2025.

JOBIM, T. *As nascentes*. Direção: Fernando Faro. Produção: Ana da Costa Santos *et al.* São Paulo: TV Cultura, 1993. Disponível em: <https://cultura.uol.com.br/videos/59808_tom-jobim-as-nascentes.html>. Acesso em: 20 mar. 2025.

KRENAK, A. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

VICTER, R. *As pioneiras da psicanálise no Brasil*. Rio de Janeiro: SPRJ, 2021. Disponível em: <<http://sprj.org.br/site/wp-content/uploads/2021/07/Catarina-Kemper.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2025.